

# Uma breve introdução ao idioma eslavo oriental antigo

*Lucas Ricardo Simone*<sup>1</sup>

Recebido em 27 de abril de 2018.  
Aceito em 28 de maio de 2018.

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo apresentar ao público acadêmico brasileiro, de maneira sucinta, as principais características do idioma eslavo oriental antigo, falado entre os séculos V e XVI EC, aproximadamente. Eslavo oriental antigo é o nome que se dá ao antecessor histórico dos idiomas russo, ucraniano e bielorrusso, e o estudo dessa língua ajuda a entender os fatores que propiciaram a formação da linguagem literária russa, entre os séculos XVIII e XIX. O artigo busca inicialmente explicar a relação entre o eslavo oriental antigo e o eslavo eclesiástico antigo, e em seguida apresentar brevemente a estrutura gramatical daquele idioma, abordando algumas de suas peculiaridades fonéticas e morfológicas.

**Palavras-chave:** eslavo oriental antigo; história da língua russa; história da língua ucraniana; história da língua bielorrussa; Rus antiga.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (bolsista CAPES). E-mail: lucas.simone@usp.br.

## Introdução

Já se tornou famosa – quase batida – a anedota segundo a qual, durante uma transmissão de rádio em outubro de 1939, o eminente político britânico Winston Churchill teria dito: “Eu não posso prever a ação da Rússia. É uma charada, envolta num mistério, dentro de um enigma”. Lendária ou não, a frase adentrou o tesouro da língua inglesa, e resume bem a visão predominante, no Ocidente, a respeito da Rússia: o país de proporções continentais, que se estende do Báltico ao Pacífico, da Ásia Central ao Ártico, movido por intentos imprevisíveis e nebulosos e permeado por uma essência de difícil apreensão. Poucas são as frestas por meio das quais pode-se vislumbrar o que é, afinal, a Rússia. Com alguma segurança, podemos dizer que uma dessas frestas é a cultura: não só a música e a pintura, como também o teatro e, sobretudo, a língua e a literatura. Afinal, autores como Tolstói e Dostoiévski, Tchékhev e Turguêniev, gozam de enorme prestígio entre leitores de todo o mundo.

No Brasil, essa impressão não é diferente. Desde as últimas décadas do século XIX, a literatura russa despertou grande interesse em nossa terra, embora as publicações tenham muitas vezes surgido em surtos tradutórios, separados entre si por longos hiatos. No século XX, o nome que domina o cenário da difusão dos russos no Brasil é indubitavelmente o do professor Boris Schnaiderman, que, nesta e em outras áreas, produziu um vasto número de traduções, textos críticos, resenhas etc. Podemos também destacar as muitas traduções feitas, a partir do original, pelo professor Paulo Bezerra, que publicou boa parte da obra de Dostoiévski, além de vários outros autores. Para concluir este brevíssimo panorama das letras russas em nosso país, observamos, a partir do ano 2000, um novo *boom* de traduções, muitas delas lançadas pela Editora 34, de São Paulo, como parte da Coleção Leste. Ao leitor brasileiro tornou-se acessível, em sua língua, uma ampla variedade de escritores

russos, alguns deles inéditos em português, de Odóiévski a Chalámov, de Karamzin a Sorókin.

É possível dizer, portanto, que, para o leitor ocidental, os russos conquistaram um espaço cativo na plêiade dos grandes escritores de todos os tempos. Porém, aos russos é comum certo estranhamento ao perceber que, fora de seu país, não é tão grande a fama de Aleksandr Serguêievitch Púchkin, considerado a pedra angular da literatura russa. Para seus compatriotas, a estatura de Púchkin é colossal, e sua influência na cultura russa é imensurável. A própria linguagem literária russa teria sido moldada pelo gênio de Púchkin, possibilitando que a arte de seus sucessores alçasse voos tão altos. O leitor estrangeiro que já tenha se familiarizado um pouco com a obra de Púchkin tem a sensação de que, antes dele, havia apenas trevas no horizonte literário russo, e que Aleksandr Serguêievitch surgiu para trazer-lhes luz.

É evidente, porém, que a inegável magnitude de Púchkin não faz dele uma espécie de demiurgo das letras russas. O passado, para Púchkin, não era a escuridão absoluta: ele possuía uma longa série de antecessores, e não só poetas, mas também prosadores e historiadores. É necessário lembrar, ademais, que, quando Púchkin nasceu, a Rússia já escrevia havia mais de oitocentos anos, e produzira crônicas monásticas, relatos de viagem, canções populares, bilinas, contos maravilhosos etc. etc. A genialidade de Púchkin, assim, consistiu precisamente em harmonizar esses elementos nacionais com as novas influências estrangeiras; em combinar o trivial e o coloquial com o clássico e o elevado; em unir o presente e o passado.

Temos atrás de Púchkin, portanto, um terreno literário de vastidão considerável, terreno esse quase inteiramente desconhecido dos leitores brasileiros, e que pede para ser desbravado. No entanto, aquele que decidir embrenhar-se na escura e intimidadora floresta da literatura russa pré-puchkiniana encontrará, possivelmente, um pequeno embaraço de caráter

linguístico – especialmente para o período anterior a Pedro e Catarina. A língua russa só atingiu o patamar final de seu desenvolvimento histórico precisamente no Setecentos, e, com isso, os textos concebidos entre os primórdios do letramento, no século X, e as primeiras décadas da dinastia Románov, no século XVII, oferecem grande dificuldade ao leitor russo contemporâneo – pelo menos àquele que não tiver algum tipo de treinamento e estudo específico na área. Ademais, até o período mencionado, a língua russa ainda não havia se separado inteiramente de suas parentes mais próximas, os idiomas ucraniano e bielorrusso: na primeira metade do milênio passado havia uma maior unidade linguística entre as populações eslavas orientais.

Em português, dentro daquilo que conhecemos, não existe ainda nenhum trabalho que tenha se dedicado a esse tema, e o presente artigo não tem de modo algum a pretensão de sanar por completo essa lacuna. Antes de oferecer uma elaborada e profunda análise histórica da língua russa ao longo do último milênio, procuraremos fazer apenas uma apresentação geral e sucinta do idioma que antecedeu o russo tal como ele existe hoje, lançando mão de um recorte cronológico. Tentaremos, assim, ater-nos à língua falada antes da invasão mongólica, sem no entanto ignorar fenômenos relevantes que tenham ocorrido depois disso.<sup>2</sup> Ademais, para fugir do tão temido anacronismo, evitaremos chamar o idioma de *russo antigo*. Ele será aqui denominado *eslavo oriental antigo*.<sup>3</sup>

## Questões gerais

### Panorama histórico

<sup>2</sup> Ao longo do texto, porém, recorreremos a exemplos das línguas modernas para apontar certas características do eslavo oriental antigo que *difere* essencialmente delas. O objetivo é evitar que se formem equívocos para o leitor que já conheça o russo, o ucraniano ou o bielorrusso modernos.

<sup>3</sup> A bem da verdade, o anacronismo é inevitável, uma vez que *eslavo oriental antigo* é uma expressão acadêmica. À época de seu uso, o idioma se denominava simplesmente “língua

O eslavo oriental antigo foi o idioma falado por todos os eslavos do leste, da metade do primeiro milênio até a metade do segundo milênio de nossa era, aproximadamente. Seu ancestral imediato, o idioma eslavo comum – também chamado de protoeslavo – desenvolveu-se a partir do indo-europeu, do qual se separou em algum momento do segundo milênio AEC. O berço dessa língua eslava comum teria sido a bacia do rio Pripiat, entre o Dniepr e o Vístula (RUSSINOV, 1977, pp. 7-9). Anteriormente, no período pré-histórico, havia existido uma grande proximidade entre o eslavo e o báltico, tanto que é possível falar de um protoidioma balto-eslavo. Porém, no início de nossa era, é indubitável que as duas famílias já haviam se separado. Mais tarde, entre 1 EC e 500 EC, mais ou menos, os eslavos haviam aumentado consideravelmente seu território, alcançando os Bálcãs, ao sul, o centro da Europa, a oeste, e as cercanias dos montes Urais, a leste (MALLORY & ADAMS, 2006, p. 25).

Essa expansão geográfica acabou causando a ruptura da relativa unidade linguística dos eslavos, gerando inicialmente dois, depois três subgrupos: o meridional, o ocidental e o oriental (RUSSINOV, 1977, pp. 9-10). O momento de transição entre o protoeslavo e o eslavo meridional é ricamente documentado, graças a um acontecimento de grande relevância histórica: a missão de Cirilo e Metódio, no século IX, entre os eslavos da Morávia e da Macedônia. Para cumprir sua tarefa de evangelização, foi-lhes necessário traduzir a Bíblia para a língua falada pelas populações locais. O resultado desse esforço foi a criação não só de um alfabeto específico para aquele idioma – primeiramente o

russo”. Entre dois anacronismos, demos preferência àquele que enfatiza o caráter singular desse idioma em relação a qualquer outro, em detrimento daquele que sugeriria o russo moderno como “herdeiro legítimo” do eslavo oriental antigo.

glagolítico, depois o cirílico, de que falaremos a seguir —, mas até mesmo de um registro escrito, de uma linguagem literária que pudesse, ao mesmo tempo, ser inteligível a todos os eslavos e dar conta da complexidade do texto bíblico. Essa língua — inicialmente calcada no eslavo meridional, mas recheada de helenismos — é chamada de *eslavo eclesiástico antigo* (MALLORY & ADAMS, 2006, p. 25; RUSSINOV, 1977, p. 10; GARDINER, 1984, p. 2).<sup>4</sup>

É importante frisar que o eslavo eclesiástico antigo é uma língua *reconstruída*; isso significa dizer que parte substancial da estrutura gramatical e fonética do idioma foi inferida após um prolongado trabalho de inúmeros linguistas. Embora o *corpus* documental do eslavo eclesiástico antigo não seja tão pequeno, é impossível, a partir dele, ter uma dimensão completa do funcionamento da língua sem certo grau de comparação com as línguas eslavas que surgiram posteriormente. Ademais, conforme o cristianismo ortodoxo foi se expandindo entre os eslavos, especialmente no sul e no leste, o eslavo eclesiástico, usado como língua litúrgica — mas também literária —, foi influenciando o desenrolar local dos idiomas, na mesma medida em que recebeu alguma influência e corrupção regional. Cada uma dessas *dissensões* do eslavo eclesiástico teve um desenvolvimento histórico independente, mas é certo que a mais importante de todas é a dissensão russa, que teve enorme peso na formação da língua literária daquele país (GARDINER, 1984, p. 3). Hoje em dia, ainda é possível ouvir a sonoridade do eslavo eclesiástico contemporâneo, usado no serviço ortodoxo em todo o mundo, inclusive no Brasil.

O objetivo de nosso trabalho, porém, é falar do eslavo *oriental* antigo. É compreensível que certa confusão exista, e por isso consideramos

recomendável que uma definição mais didática seja estabelecida logo no início. De maneira resumida: o eslavo *eclesiástico* antigo é uma língua morta, um idioma reconstruído a partir de um determinado conjunto de manuscritos subsistentes, e formado, presumivelmente, a partir das variantes meridionais do eslavo comum (o protoeslavo). As dissensões regionais desse idioma transformaram-se lentamente a partir do século XII, e sua principal representante é a dissensão russa, que, por esse motivo, é chamada simplesmente de eslavo eclesiástico — *tserkovnosklaviánski iazyk*, em russo contemporâneo.

O eslavo *oriental* antigo<sup>5</sup> — também chamado de *russo antigo*, *drevnerússki iazyk* — é a língua falada, a partir do séculos V EC, pelos eslavos que habitavam a região do lago Ilmen, a cabeceira do Volga, do Oká e do Dviná Ocidental, e ao longo dos rios Dniepr, Dniestr e Bug. A história do idioma divide-se em dois períodos: um ágrafo, até o fim do século X, e outro letrado, propriamente histórico, a partir do ano 1000 (RUSSINOV, 1977, p. 10). Assim, embora seja também uma língua morta, ela é amplamente atestada em documentos do século XI ao século XVII, dos quais falaremos a seguir. No entanto, todos os documentos produzidos na Rus, embora profundamente influenciados pelo eslavo eclesiástico antigo, exibem fortes marcas regionais, e raramente são incluídos no *corpus* daquela língua (LUND, 2001, pp. 4-12). Mesmo tendo desaparecido como tal, o desenrolar histórico dessa língua culminou no surgimento de três línguas faladas atualmente: o russo, o bielorrusso e o ucraniano. Mas, como bem observa Russinov (1977, p. 10), o eslavo oriental difere consideravelmente de seus descendentes, e o falante contemporâneo dessas línguas não será

<sup>4</sup> Essa denominação é a mais comum na comunidade acadêmica, especialmente em sua formulação inglesa (Old Church Slavonic, abreviada OCS). Porém, em russo, é mais recorrente o uso da expressão *staroslaviánski iazyk* (língua eslava antiga, simplesmente). Até meados do século XX, nas diversas línguas europeias era comum encontrar a

denominação *búlgaro antigo*, por conta da origem meridional do idioma. Soma-se a isso o fato de que a Bulgária tornou-se, nos séculos IX-X, o maior centro irradiador da cultura eslava escrita.

<sup>5</sup> Doravante denominada pela sigla EOA.

capaz de ler um documento medieval sem o devido preparo.

## Fontes

Dissemos acima que o eslavo *eclesiástico* antigo e o EOA são línguas mortas. Ambas tiveram seu próprio desenvolvimento histórico, e delas surgiram novas línguas, utilizadas ainda hoje: de um lado, o eslavo *eclesiástico* – o idioma litúrgico da igreja ortodoxa –, e, do outro, o russo, o ucraniano e o bielorrusso. Se o eslavo *eclesiástico* possui um *corpus* de pouco mais de vinte textos (LUND, 2001, pp. 4-12), o EOA tem uma quantidade bem maior de fontes documentais, entre manuscritos, inscrições e anotações. A esse último tipo pertencem as famosas *cartas de bétula*, que nada mais são que bilhetes escritos em cascas de árvore e cujos primeiros exemplares foram descobertos pelo arqueólogo soviético A. V. Artsikhóvski, em Nóvgorod, no início dos anos 1950.<sup>6</sup> Existem, ainda, diversos tipos de inscrições, tanto em objetos de uso doméstico – moedas, vasos, barris etc. –, como em estelas, além de inscrições murais, principalmente em paredes de catedrais (VINOKUR, 2012, p. 12).

As fontes mais numerosas e importantes, porém, são os manuscritos. Segundo Vinokur (2012, p. 12), existem dezenas de milhares de documentos produzidos entre os séculos XI e XVII, a maioria deles datada dos últimos

duzentos anos desse período. No entanto, mesmo se nos ativermos ao arco que vai do ano 1000 ao ano 1400, aproximadamente, teremos mais de mil manuscritos, sendo quase trinta do distante século XI. Esses textos foram escritos, em sua maioria, por monges, e tratam, portanto, de temas religiosos, embora existam também textos de caráter “laico”. De qualquer modo, a lista é extensa, e não disporíamos aqui de espaço para uma relação exaustiva de todos os documentos da época; podemos, ainda assim, citar alguns dos mais relevantes textos do período: do século XI, o Códex de Nóvgorod,<sup>7</sup> o Evangelho de Ostromir e as duas *Miscelâneas* [Izborniki] de Sviatoslav; do XII, o Evangelho de Mstislav e o famoso *Canto do exército de Igor* [Слово о плъку Игоревѣ, Slovo o plŭku Igorevě]; do século XIII, as cópias mais antigas do texto atualmente conhecido em russo como *Rússkaia Pravda*,<sup>8</sup> e também da Crônica de Nóvgorod; do século XIV, o códice laurentino, manuscrito mais antigo a conter o texto do *Relato dos anos passados* [Повѣсть временныхъ лѣтъ, Pověst’ vremēnyhŭ lětŭ]; do século XV, a crônica hipaciana, outra importante testemunha do *Relato dos anos passados*. A partir do século XVI, como dissemos, aumenta consideravelmente a quantidade de documentos, inclusive impressos, como o *Sobórnoie ulojénie*, o código de leis do tsar Aleksei Mikháilovitch (RUSSINOV, 1977, pp. 188-190; VINOKUR, 2012, pp. 13-15).

<sup>6</sup> O tema das cartas de bétula é amplo e, com absoluta certeza, merecedor de um artigo que trate exclusivamente dele. O conteúdo das cartas é totalmente trivial, cotidiano: são cobranças de dívidas, pedidos de casamento, recados, orações. Ademais, há cartas escritas por mulheres, crianças e estrangeiros, evidenciando a extensão do letramento na Antiga Rus. Para as investigações no campo da linguística, também são de valor inestimável, e permitiram ao acadêmico A. A. Zalizniak elaborar um extenso tratado sobre o antigo dialeto de Nóvgorod (*Drevnenovgoródski dialiekt*, Moscou, Iazyki slaviánskoj kultúry, 2004, 2ª edição). Para uma apresentação geral de como se deram as descobertas e do conteúdo de algumas das cartas, ver V. L. Iánin, *Iá poslal tebié berestu*, Moscou, Chkola “Iazyki rússkoj kultúry”, 1998, 3ª edição. No site [gramoty.ru](http://gramoty.ru), é possível consultar todas as cartas descobertas até hoje, com foto, transcrição e tradução de cada documento (acesso em 15 de abril de 2018).

<sup>7</sup> A descoberta do Códex de Nóvgorod, ou Saltério de Nóvgorod, insere-se no mesmo cenário das escavações que trouxeram à luz as já citadas cartas de bétula, tendo ocorrido, porém, somente no ano 2000. A datação inicial do objeto não era totalmente precisa, e o estudo posterior apontou para a possibilidade de que ele seja do fim do século X. De uma forma ou de outra, trata-se do livro mais antigo em qualquer língua eslava. Há uma explicação detalhada do conteúdo, feita por A. A. Zalizniak, em “Problíemy izutchénia Novgoródsckogo kódeksa XI víeka, náidennogo v 2000 g.”, *Slaviánskoie iazykoznaníe*, XIII Mejdunaródnij s’iezd slavístov, Liublana, 2003, pp. 190-213.

<sup>8</sup> No manuscrito, a formulação é Правда роуська □ [Pravda rusiskaja], que se traduziria como “Justiça russa”.

## Sistema de escrita

Como dissemos acima, a missão de Cirilo e Metódio<sup>9</sup> foi a responsável por formular a linguagem escrita do idioma eslavo. Para tanto, Metódio, Cirilo e seus discípulos tiveram que criar um novo alfabeto, possivelmente o *glagolítico*, que, embora remetendo a letras gregas, coptas e hebraicas, era praticamente original e homogêneo. Suas formas exóticas podem ter sido um mecanismo de defesa contra a hostilidade dos missionários francos e italianos que também transitavam pela região, e que se opunham fortemente a qualquer influência grega. De qualquer modo, o glagolítico teve vida curta, e logo foi suplantado pelo alfabeto *cirílico*, talvez

criado pelos discípulos de Cirilo – daí seu nome. Trata-se de uma cópia das letras unciais gregas, comuns nos séculos IX e X, com algumas adaptações voltadas à fonética eslava. Desse alfabeto descendem os sistemas de escrita usados na maioria das regiões eslavas ortodoxas, incluindo-se a atual Rússia (LUND, 2001, p. 15-16), na qual resquícios do uso do glagolítico são praticamente inexistentes (RUSSINOV, 1977, pp. 21-22). O EOA, portanto, era escrito com o auxílio do alfabeto cirílico.

A tabela abaixo<sup>10</sup> (1) traz a relação das letras do cirílico, seu valor fonético presumido, a correspondência aproximada com o atual cirílico de imprensa,<sup>11</sup> o valor numérico de cada letra,<sup>12</sup> e a transliteração internacional (apoiada no eslavo eclesiástico).

N	C	VF*	CI	VN	TI
азъ (azŭ)	А	a, de casa	a	1	a
букы (buky)	Б	b, de bola	б	—	b
вѣдѣ (vědě)	В	v, de vaca	в	2	v
глаголь (glagolĭ)	Г	g, de gato	г	3	g
добро (dobro)	Д	d, de dado	д	4	d
естъ (estĭ)	Е	e fechado, de estrela	е	5	e
іотированъ естъ (iotirovanŭ estĭ)	ІЄ	ie, como no inglês yes	е	—	je

<sup>9</sup> Cirilo e Metódio são nomes monásticos. Os nomes de batismo eram, respectivamente, Konstantin e Mikhail.

<sup>10</sup> Baseada em Russinov (1977, pp. 24-25), Lund (2001, pp. 17-18) e Selichev (2014, pp. 40-41).

<sup>11</sup> Essa correspondência será utilizada ao longo do presente trabalho.

<sup>12</sup> A exemplo do grego, o EOA empregava letras para expressar números, na ausência dos algarismos arábicos.

живѣте (živěte)	<b>Ж</b>	j, de janela	ж	—	ž
зѣло (zělo)	<b>З</b>	dz ou z	з	6	3
земля (zemlja)	<b>З, З</b>	z, de zebra	з	7	z
иже (iže)	<b>И</b>	i, de igreja	и	8	i
ижеи (ižeі)	<b>І, І</b>	i, de pai	и, і	10	i
како (kako)	<b>К</b>	k, de ketchup	к	20	k
людиѣ (ljudiје)	<b>Л</b>	l, de luz	л	30	l
мыслете (myslete)	<b>М</b>	m, de maçã	м	40	m
нашь (našĭ)	<b>Н</b>	n, de nariz	н	50	n
онѣ (onĭ)	<b>О</b>	o fechado, de olho	о	70	o
покои (pokoi)	<b>П</b>	p, de pato	п	80	p
ръци (rĭci)	<b>Р</b>	r, de caro	р	100	r
слово (slovo)	<b>С</b>	s, de sapo	с	200	s
тврѣдо (tvrĭdo)	<b>Т</b>	t, de teto	т	300	t
укѣ (ukĭ)	<b>У, У</b>	u, de unha	у, оу	—	u
фрътъ (frĭtŭ)	<b>Ф</b>	f, de faca	ф	500	f
хѣръ (xĕrŭ)	<b>Х</b>	ch alemão, j espanhol	х	600	x

отъ (otŭ)	Ѡ	o fechado, de olho	o, w	800	v
ци (ci)	Ѣ, ѣ	ts, como em pizza	ц	900	c
чръвь (črŭvŭ)	Ѥ, ѥ	tch, como em ketchup	ч	90	č
ша (ša)	Ѧ	x, de xícara	ш	—	š
шта (šta)	Ѩ	cht, como em pasta**	щ	—	št
ѣръ (jerŭ)	Ѣ	u brevíssimo [o brevíssimo, como em prato]	ъ	—	ъ, ŭ
ѣры (jery)	ѢІ	i duro do russo, português lusitano <i>títia</i>	ы	—	y
ѣръ (jerŭ)	Ѣ	i brevíssimo [e brevíssimo, como em <i>naipe</i> ]	ь	—	ь, ĭ
ѣтъ (jatŭ)	Ѣ	e quase aberto [e semifechado, como em <i>leite</i> ]	ѣ	—	ě
іотированъ укъ (iotirovanŭ ukŭ)	ѢЮ	iu, como no inglês <i>you</i>	ю	—	ju
іотированъ азъ (iotirovanŭ azŭ)	ѢІА	ia, como no alemão <i>ja</i>	я, Ѣ	—	ja











юсь малѣ (jusŭ malŭ)		e nasal, ě, en [ia, como acima]	я, Ѧ	900	ę
іютированъюсь малѣ (iotirotovanŭ jusŭ malŭ)		iě, ien [ia, como acima]	я, Ѧ	—	ję
юсь великъ (jusŭ velikŭ)		o nasal, ō, on [u, de unha]	у, Q, Ѡ	—	o
іютированъюсь великъ (iotirotovanŭ jusŭ velikŭ)		iō, ion [iu, como no inglês you]	ю, Q, Ѣ	—	jō
ѣи (ksi)		x, de nexo	кс, ѣ	60	ks
ѣи (psi)		ps, de psicologia	пс, ѣ	700	ps
ѣита (fita)		f, de faca	ф, ѣ	9	th
ѣица (ižica)		iu, como no inglês you	и, ѣ	400	ü

Tabela 1. N = Nome da letra. C = Letra no alfabeto cirílico. VF = Valor fonético (com base no português). CI = Correspondência no alfabeto cirílico de imprensa. VN = Valor numérico das letras no cirílico. TI = Transliteração internacional (pautada pelo eslavo eclesiástico). \*Entre colchetes, a pronúncia no EOA, quando diferente do eslavo eclesiástico antigo. \*\*Como na pronúncia do Rio de Janeiro.

O valor fonético das letras será discutido mais detalhadamente na próxima seção. Por ora, vamos nos ater às *formas* do alfabeto. Não deixa de causar espanto a constatação de que, no âmbito do eslavo oriental, os textos mais *antigos* são os mais legíveis, enquanto os mais recentes são praticamente indecifráveis. Isso se dá por conta das mudanças tipográficas sofridas pelo cirílico ao longo dos séculos. Do início do período letrado até meados do século XIV, predomina a escrita uncial (*ustav*), que se caracteriza pelo traço nítido e claro das letras, sem inclinação. Esses símbolos guardam parentesco com as modernas maiúsculas. Na metade do século XIV, surge a escrita semiuncial (*poluustav*): as letras tornam-se menores, inclinadas e mais próximas umas das

outras. Trata-se do embrião das atuais minúsculas. Finalmente, no século XV, surgiu a escrita cursiva (*skóropis*), em que as letras apareciam frequentemente emendadas e com muitas abreviações. Os documentos escritos em cursivo não podem ser lidos sem conhecimentos de paleografia. Porém, é preciso apontar que, desde o início, era muito comum o sinal denominado *titlo*, usado para abreviar as palavras mais recorrentes, tais como “Senhor”, “Cristo”, “Mãe de Deus”, entre outras (RUSSINOV, 1977, pp. 23-28).

## Fonética

### Introdução

Nesta seção, discutiremos algumas das características mais importantes do sistema fonético do EOA, sem, no entanto, tentar esgotar o assunto. É inegável que, para a brevidade da presente exposição, contribuiu de modo decisivo a vasta ignorância do autor nesta área específica. Mas, para além disso, embora a fonética seja essencial para as análises diacrônicas e possibilite uma compreensão mais profunda de certas transformações das línguas, o estudo voltado para a *tradução* de textos antigos do eslavo oriental – assim como de outras línguas mortas – deve concentrar-se na morfologia e no léxico, cuja importância é, nesse campo, inegavelmente maior. Não se deve excluir a possibilidade de que o aspirante a eslavista queira falar o eslavo oriental antigo no dia a dia; mas isso, evidentemente, é improvável. De todo modo, devemos lembrar que os valores fonéticos de uma língua extinta – bem como sua prosódia – têm quase sempre caráter especulativo, não sendo possível ter certeza quanto a sua real sonoridade.

### Algumas questões gerais

O sistema fonético do EOA apresenta diferenças notáveis em relação às línguas eslavas orientais contemporâneas, mas também afasta-se marcadamente do protoeslavo – e portanto também do eslavo *eclesiástico* antigo. Acredita-se que já no período ágrafo a língua tenha sofrido importantes alterações, como o desaparecimento dos sons nasais, encontrados em profusão no eslavo comum. Hoje em dia, na família eslava, somente o polonês preserva sons do tipo. Desse modo, no início do período histórico, as letras “А”<sup>13</sup> e “Ѧ” eram amiúde confundidas, na escrita,

com as letras “а” e “я”. O mesmo se dava com o par “Ѧ”/“Ѧ”, que se intercambiava com o par “oy”/“ю” (VINOKUR, 2012, pp. 54-55). Não à toa, a “incorreção” no uso dessas letras é considerada a característica essencial dos textos produzidos na Rus a partir do século X (LUND, 2001, p. 5).

Um dos mais importantes princípios fonéticos do eslavo antigo é o da *sílabas abertas*. Trata-se de uma regra que exige que cada sílaba termine por um som *vocálico*, jamais consonantal. Assim, a tendência é que as palavras sejam formadas numa sucessão harmônica e regular de consoantes e vogais (VINOKUR, 2012, p. 56). Havia uma exceção a essa lei: as líquidas “р” e “л”, quando isoladas, podiam fechar a sílaba. Segundo Russinov (1977, pp. 36-37), isso se deve ao fato de que, no período ágrafo, esses fonemas eram muito próximos das vogais. Até hoje, em alguns idiomas eslavos, *r* e *l* são considerados vogais, como no sérvio, no croata e no tcheco.

Outro traço distintivo da estrutura fonética do eslavo oriental – possivelmente relacionado à regra citada acima – é a presença da chamada *pleofonia*.<sup>14</sup> A gradual perda do *status* vocálico das líquidas colocou em xeque o princípio da sílaba aberta. Assim, algumas combinações que originalmente eram consideradas ditongos – \**or*, \**ol*, \**er*, \**el* – foram sujeitas a transformações. Na variante meridional do eslavo – na qual, lembremos, apoia-se o eslavo *eclesiástico* antigo –, houve uma inversão entre a líquida – fonema agora tido como consonantal – e a vogal, que, em geral, passou a um registro mais aberto. Assim, por exemplo, temos, do protoeslavo ao eslavo *eclesiástico*, as seguintes acomodações: \**vorta* > врата (vrata); \**bergъ* > бръгъ (brĕgŭ); \**melko* > млѣко (mlĕko); \**zolto* > злато (zlato). Pela análise do polonês contemporâneo, vemos

<sup>13</sup> Por motivos de fidelidade histórica, evitamos, sempre que possível, o uso do itálico para as letras antigas.

<sup>14</sup> Em russo, полногласие, polnoglássie.

que o grupo eslavo ocidental tomou o mesmo rumo: *wrota, brzeg, mleko, złoto*. Podemos dizer que o resultado é uma pequena transgressão da regra da sílaba aberta, à qual, por outro lado, o eslavo oriental tentou manter-se fiel. E isso ocorreu precisamente por meio da pleofonia, ou seja, da adição de outra vogal após a líquida do ditongo original: \*or->-opo-, \*el-/\*ol->-оло-, \*er->-еле-. Deste modo, no russo, via EOA, os mesmos substantivos mencionados acima adquiriram as formas: *ворота* (portões), *берег* (margem), *молоко* (leite) e *золото* (ouro) (RUSSINOV, 1977, pp. 57-58).

Pertence à antroponímia um dos exemplos mais famosas de combinações pleofônicas do EOA. Trata-se do nome do príncipe de Kiev que entrou para a história como o responsável por batizar-se e batizar toda a Rus, ao fim do século X, e que nas crônicas monásticas posteriores é chamado de *Volodiměrŭ*. A acomodação fonética de tipo meridional resultou na forma *Vladiměrŭ*, que por sua vez aparece nas moedas cunhadas por ele. Curiosamente, esta última grafia redundou em *Vladimir*, corrente no russo contemporâneo, enquanto a primeira deu-nos *Volodymyr*, própria do ucraniano moderno (FRANKLIN, 2004, p. xi).

A flexibilização da regra da sílaba aberta foi mediada, ainda, por um outro princípio importante: o da *sonoridade ascendente*. Se duas consoantes apareciam juntas na mesma sílaba, deveriam ser organizadas de acordo com essa regra, ou seja, a menos sonora aparecia antes da mais sonora. Por exemplo: “*жи/знь*” (*vida*), “*мо/згъ*” (*cérebro*). Mesmo assim, o encontro de oclusivas continuava sendo evitado, por meio da inclusão de um som vocálico: “*къ/то*” (*quem*).

Essa regra aos poucos desaparece, com a queda das vogais reduzidas, de que falaremos mais à frente (VINOKUR, 2012, p. 56).

Não poderíamos encerrar esta pequena introdução à fonética do EOA sem abordar a questão da tonicidade. Trata-se de uma das maiores preocupações do aluno que se dedica ao estudo do russo contemporâneo, idioma que não possui uma representação gráfica para a acentuação, tampouco uma posição fixa, na palavra, em que o acento deva recair – como ocorre, por exemplo, no polonês. De modo semelhante a seu descendente moderno, o EOA não possuía uma regra para definir a sílaba tônica, e o acento podia variar de acordo com a flexão da palavra (RUSSINOV, 1977, p.38).<sup>15</sup> Para além do acento propriamente tônico, Russinov (1977, p. 37) aponta para a possibilidade, no período ágrafo, de um acento “musical”, ora ascendente, ora descendente, já extinto no período histórico. É possível inferir que o ocaso desse acento tonal tenha relação com o desaparecimento das vogais longas, fenômeno que se deu ainda nos estágios finais do protoeslavo (RUSSINOV, 1977, pp. 62-65, 67). A uniformidade total na *quantidade* vocálica – ou *duração* vocálica – será uma das características do EOA em seus últimos estágios de desenvolvimento, como veremos adiante.

### Resumo do sistema vocálico

Para o início do período histórico, o sistema vocálico do EOA não apresenta grandes diferenças em relação aos seus descendentes contemporâneos, e tampouco se afasta muito de nosso próprio idioma. Como já dissemos, na virada do primeiro para o segundo milênio EC, as vogais nasais já haviam sumido, bem como a distinção entre vogais longas e curtas. Temos assim, entre as vogais anteriores: “*и*”/“*і*” (*i*,

<sup>15</sup> É evidente, porém, que existe algum grau de incerteza quanto à tonicidade de cada vocábulo específico, o que ocorre amiúde com línguas mortas.

fechada), “ѣ” (e, possivelmente semifechada), “ѧ” (e, reduzida), “ѧ” (e, possivelmente semiaberta) e “а” (a, aberta). Entre as *posteriores*, temos: “у” / “оу” / “ѡ” (u, fechada), “ѡ” (o, reduzida) e “о” / “ѡ” (o, entre semifechada e semiaberta). Finalmente, a vogal central “ы” — a bem da verdade um encontro da reduzida posterior “ѡ” com a anterior fechada “и” / “і” (VINOKUR, 2012, p. 57). As letras “ѣ” (je), “я” (ja) e “ю” / “ѡ” (ju), muito frequentes, consideravam-se sílabas, ou seja, “ѣ”, “а” ou “у” / “оу” / “ѡ” antecidos por um j-.

A letra “ѡ”, portanto, não tinha o mesmo som do “ѣ” (je), como no russo do século XIX;<sup>16</sup> porém, também diferia de seu análogo no eslavo eclesiástico, uma anterior semiaberta ou quase aberta. Essa mudança gradual na articulação do “ѡ” explicaria, em primeiro lugar, o registro semifechado da letra “ѣ” nos dialetos setentrionais do russo contemporâneo — por exemplo, em *вѣра* (fé) —, e, em segundo lugar, o total fechamento da vogal em algumas palavras no ucraniano moderno: *хліб* (khlіb) (VINOKUR, 2012, pp. 10-11; RUSSINOV, 1977, p. 30).

As vogais reduzidas — “ѡ” e “ѧ” — são certamente as que causam mais embaraço no falante do russo moderno, já que atualmente tratam-se de sinais ortográficos; não possuem, portanto, sonoridade própria. Mas, durante boa parte do período histórico, essas letras eram articuladas como vogais, ditas brevíssimas, irracionais ou reduzidas (RUSSINOV, 1977, p. 31). No eslavo eclesiástico, esses símbolos

representavam o *u* curto (ǔ) e o *i* curto (ǐ) (LUND, 2001, p. 24),<sup>17</sup> mas, para o EOA, esses sons já haviam se aproximado das letras “о” e “ѣ”, a ponto de serem frequentemente substituídas por elas em muitos manuscritos. No entanto, não há consenso quanto à pronúncia exata dessas letras, e, ao longo de toda a existência do EOA, as mudanças fonéticas pelas quais elas passaram foram graduais, porém constantes.<sup>18</sup> Russinov, por exemplo (1977, pp. 30-31), afirma que, no início do período histórico, essas vogais nunca eram mudas, embora soassem sempre de modo mais curto que as vogais de articulação plena. Ademais, ele não as considera variantes dos fonemas representados por “о” e “ѣ”, mas sons independentes, por vezes mais próximos de “ы” ou “и”. Vinokur, por outro lado (2012, pp. 58-59), acredita que o processo de queda das reduzidas tenha começado muito cedo, já no século XI. Assim, elas tinham se tornado frequentemente mudas — quando em posição fraca —, mas continuavam sendo articuladas plenamente — como “о” e “ѣ” —, desde que em posição forte. A posição fraca seria: no fim da palavra; numa sílaba antecedendo uma sílaba com vogal plena; ou numa sílaba antecedendo uma sílaba com vogal reduzida em posição forte. Exemplos: “домъ” (casa), “два” (dois), e “жньць” (cegador). A posição forte seria: na primeira sílaba, quando acentuada; numa sílaba antecedendo uma sílaba com vogal reduzida em posição fraca; ou quando adjacente a uma consoante líquida. Exemplos: “тъца” (sogra), “кусъкъ” (pedaço), “търгъ” (comércio, mercado). Russinov (1977, pp. 67-68) vê essa mesma divisão entre fracas e fortes, mas afirma que ela se deu mais para o fim do período histórico do EOA.

<sup>16</sup> A reforma ortográfica de 1918, vale lembrar, equiparou o ѡ ao e.

<sup>17</sup> É necessário apontar que essa transliteração, mais gráfica que fonética, costuma ser utilizada mesmo para o eslavo oriental antigo, não só para o eslavo eclesiástico antigo.

<sup>18</sup> É sintomático o fato de que muitos linguistas ocidentais não transliteram o ѡ e o ѡ: simplesmente reproduzem-nas no meio das letras latinas.

Além disso, ele associa a queda das reduzidas ao fim do acento musical e à consequente uniformização da duração vocálica, que conflitava com a existência de vogais de quantidade inferior a um “tempo”. De qualquer modo, no século XV, o processo de supressão das reduzidas estava concluído: seja pela equiparação aos sons plenamente vocálicos do “o” e do “e”, seja pela formação de sílabas fechadas, seja pela assimilação das reduzidas aos novos fonemas consonantais brandos, seja por outros mecanismos.

Outra característica do sistema vocálico do eslavo antigo, provavelmente relacionado ao princípio da sílaba aberta, era a tendência a evitar que as palavras *começassem* por vogal. Com isso, as letras “а”, “е”, “ѡ”, “ы” e “ѣ” jamais ocorriam no início da palavra, embora as duas primeiras pudessem aparecer em sua forma “iotizada” (RUSSINOV, 1977, p. 33, cf. tabela acima).

### Resumo do sistema consonantal

Podemos dizer que o conjunto das consoantes do EOA é relativamente próximo aos idiomas do grupo eslavo oriental moderno. Há, é evidente, algumas diferenças relevantes; uma delas é que, no início do período histórico, apenas cinco letras possuíam versões brandas e duras,<sup>19</sup> à maneira do russo contemporâneo: “з”/“з’”, “с”/“с’”, “н”/“н’”, “р”/“р’” e “л”/“л’”. As letras “ц”, “ч”, “ж”, “ш” e “щ” eram *sempre brandas* (VINOKUR, 2012, p. 61). Ademais, as letras “ж” e “ш” não eram retroflexas, como atualmente, mas podiam ser expressas, no Alfabeto Fonético Internacional, pelos símbolos [ʒ] e [ʃ]. Já o “щ” representava o encontro das letras “ш” e “т”, e poderia ser expresso pela combinação [ʃt] do citado AFI. A partir do século

XIV, as letras “ж” e “ш” endurecem aos poucos, tornando-se retroflexas. O “ц” também se tornaria duro, mas apenas no século XVI (VINOKUR, 2012, pp. 67-68). Quanto às demais consoantes, eram sempre duras inicialmente, mas aos poucos foram ganhando versões brandas, fenômeno provavelmente relacionado à queda das reduzidas. Também explicável pelo fim das brevíssimas é o ensurdecimento das consoantes sonoras ao fim da palavra, que não ocorria à época em que ainda era vigente o princípio da sílaba aberta.

É curioso observar como muitas das características fonéticas do EOA deixaram marcas na morfologia da língua russa contemporânea. Por exemplo, a segunda pessoa do singular do verbo, no tempo presente, termina com a letra ѡ. Para ilustrar isso, podemos recorrer ao verbo “saber”, знать, que na forma citada transformase em знаешь. No russo atual, em que o ш é sempre *duro*, retroflexo, o ѡ parece inteiramente deslocado, já que indica consoante *branda*. Porém, ao olhar para a estrutura de seu antepassado histórico, vemos que o “ш” era sempre *brando*, e que, ademais, a regra da sílaba aberta impedia que a palavra terminasse em consoante; era imperativo, portanto, o uso de alguma vogal. Inicialmente, essa vogal era “и”, substituída mais tarde por “ѡ”. A grafia “знаешь” foi sendo “carregada” ao longo de séculos e manuscritos, e acabou sobrevivendo, granjeando espaço até nos modernos métodos de língua russa, à venda em qualquer livraria moscovita do século XXI.

### Mudanças fonéticas tardias

Poderíamos encerrar aqui a exposição da parte fonética, mas, ao falante do russo moderno, a ausência de alguns elementos provocaria

<sup>19</sup> Grosso modo, podemos definir as consoantes brandas como palatalizadas, e as duras como não palatalizadas.

verdadeira agonia. Afinal, alguns traços marcantes da língua russa não apareceram em nossa descrição, como o fonema representado pela letra ě, a acomodação fonética da vogal o – fenômeno esse chamado de *ákan'ie* – e assim por diante. Para evitar dissabores àqueles que esperavam alguma informação a respeito desses temas, dedicaremos algumas linhas para apresentá-los.

A transformação fonética do “e” em “o” se deu no início do século XIII, segundo Vinokur (2012, pp. 66-67). Isso se dava por vezes no fim da palavra, mas principalmente quando o “e” se encontrava na sequência imediata de uma consoante branda e logo antes de uma consoante dura. Assim, as palavras eslavas orientais “ледъ”, “медъ” e “мое” resultaram nos vocábulos russos modernos лёд (*gelo*), мёд (*mel*) e моё (*meu*). Russinov, por sua vez (1977, p. 82), situa o *iókan'ie* já no século XI. Como evidência, ele aponta para o uso singular de determinadas palavras nos manuscritos daquela época: no *Izbornik* de Sviatoslav, de 1073, temos a palavra “чоловька”; no *Izbornik* de 1076, a palavra “жона”, e assim por diante. Seja como for, durante muito tempo, o som foi grafado com o auxílio da letra “o” – como no ucraniano moderno, por exemplo, em жовтий, цього e давньоруський. Somente no século XVIII surgiu a forma ě, introduzida por Nikolai Karamzin.

Com relação ao *ákan'ie* – ou seja, à tendência de pronunciar o som átono de o como o –, parece haver certa discórdia entre os especialistas. Segundo Vinokur (2012, p. 68), o eminente linguista A. A. Chákhmatov acreditava que esse fenômeno teria surgido ainda no período ágrafo. Por outro lado, R. I. Avaniéssov (RUSSINOV, 1977, p. 85) relaciona o *ákan'ie* à queda das reduzidas, e por isso situa seu surgimento no início do século XIII. De todo modo, ao fim do período histórico, o *ákan'ie* havia

se propagado por todos os domínios moscovitas, tornando-se um dos primeiros sinais da cisão entre o idioma grão-russo e os demais falares eslavos orientais.

## Morfologia

### Questões gerais

A exemplo das demais línguas de origem indo-europeia, o EOA pode ser classificado como uma língua flexiva no que se refere à maneira pela qual os morfemas relacionam-se entre si. Portanto, diversas características gramaticais da língua serão familiares ao falante de alguma das línguas eslavas modernas, mas também ao falante do português. No entanto, é certamente na morfologia que o EOA apresenta mais diferenças em relação a seus descendentes contemporâneos. Antes de passar à estrutura gramatical propriamente dita, falaremos um pouco das distinções mais dramáticas.

A primeira diferença consiste na questão do número gramatical. Enquanto as línguas modernas possuem *dois* números – singular e plural –, o EOA, a exemplo de outros idiomas já extintos do grupo indo-europeu, apresenta *três* números: singular, *dual* e plural. O dual aplica-se a substantivos duplos por natureza – como olhos, orelhas, chifres etc. –, mas também pode designar um par de objetos não essencialmente duplos – duas pessoas, dois livros, duas árvores e assim por diante (VINOKUR, 2012, p. 70-71). Essa característica não afeta apenas a flexão nominal, mas também a flexão verbal, uma vez que os verbos possuem conjugação própria para o número dual. Outro traço que aproxima o EOA das antigas línguas indo-europeias que lhe são aparentadas é a ausência de pronomes pessoais da terceira pessoa, função em geral cumprida por pronomes demonstrativos (VINOKUR, 2012, p. 83). Ademais – e aqui já entrando no terreno da flexão nominal –, é preciso lembrar que o EOA conta com sete casos de declinação, os mesmos do

ucraniano moderno. Falaremos mais deles a seguir.

### Flexão nominal

Falaremos agora, em resumo, da flexão nominal, ou seja, das transformações sofridas pelas desinências dos substantivos, adjetivos e pronomes. Como dissemos acima, o nome russo flexiona em número – singular, dual e plural –, mas também em caso. Temos, portanto, um sistema de declinação, e é basicamente a ele que esta seção se dedica. Os casos do EOA são sete: *nominativo* (dedicado ao sujeito), *genitivo* (que denota posse), *dativo* (que exprime algo semelhante ao nosso objeto indireto), *acusativo* (o mesmo para o objeto direto), *instrumental* (que denota o meio da ação e, por extensão, a função adverbial dos nomes), *locativo* (que denota lugar) e *vocativo* (usado para interpelação).

### Substantivos

Os substantivos do eslavo oriental, como vimos, possuem sete formas para cada número gramatical – portanto 21 formas, em teoria. Na prática, como o dual já vinha em processo de supressão, e muitas das terminações se repetiam, essa quantidade tende a ser bem menor (VINOKUR, 2012, p. 71). Os substantivos são divididos em cinco tipos de declinação – ora em seis, dependendo do gramático consultado. Alguns dos nomes, mesmo tendo terminações iguais na forma reta, acabam caindo em grupos distintos. Isso se dá, segundo Vinokur (2012, p. 72), por uma diferença de vogal temática em seus longínquos ancestrais indo-europeus. Como exemplo, temos as palavras “СТОЛЬ” e “ДОМЪ”, que remetem a \*stol-o-s e \*dom-u-s.

A primeira declinação (VINOKUR, 2012, p. 72; RUSSINOV, 1977, p. 94) compreendia as palavras terminadas em -a ou -ja. Eram divididas em terminações brandas e duras:

	Variante dura		Variante branda	
Caso	Número singular			
N	жена	слуга	земля	душа
G	жены	слуги	землѣ	душѣ
D	женѣ	служѣ	земли	души
A	жену	слугу	землю	душу
I	женою	слугою	землею	душею
L	женѣ	служѣ	земли	души
V	жено!	слуго!	земле!	душе!
Caso	Número plural			
N/V	жены	слуги	землѣ	душѣ
G	женѣ	слугѣ	землѣ	душѣ
D	женамѣ	слугамѣ	землямѣ	душамѣ
A	жены	слуги	землѣ	душѣ
I	женами	слугами	землями	душами

L	женахъ	слугахъ	земляхъ	душахъ
Caso	Número dual			
N/A/V	женѣ	слугѣ	земли	души
G/L	жену	слугу	землю	душу
D/I	женама	слугама	земляма	душама

Tabela 2. Alguns substantivos da primeira declinação.

A segunda declinação (VINOKUR, 2012, p. 73; RUSSINOV, 1977, pp. 94-95) englobava algumas palavras terminadas em -o ou -jo, e

outras em “ъ” ou “ь”. Também eram divididas em terminações brandas e duras:

	Masculinos		Neutros	
	Número singular			
Caso	Variante dura	Variante branda	Variante dura	Variante branda
N	плодъ	конь	село	поле
G	плода	коня	села	поля
D	плоду	коню	селу	полю
A	плодъ	конь	село	поле
I	плодъмь	коньмь	сельмь	польмь
L	плодѣ	кони	селѣ	поли
V	плоде!	коню!	село!	поле!
Caso	Número plural			
N/V	плоди	кони	села	поля
G	плодѣ	конь	сель	поль
D	плодомъ	конемъ	селомъ	полемъ
A	плоды	конѣ	села	поля
I	плоды	кони	селы	поли
L	плодѣхъ	конихъ	селѣхъ	полихъ
Caso	Número dual			
N/A/V	плода	коня	селѣ	поли
G/L	плоду	коню	селу	полю
D/I	плодома	конема	селома	полема

Tabela 3. Alguns substantivos da segunda declinação.



À terceira declinação (VINOKUR, 2012, p. 75; RUSSINOV, 1977, p. 95) pertenciam alguns

substantivos masculinos com terminação dura em “Ъ”: “МЕДЪ”, “ДОМЪ” etc.

Caso	Singular	Plural	Dual
N	сынъ	сынове	сыны
G	сыну	сыновъ	сынову
D	сынови	сынъмъ	сынъма
A	сынъ	сыны	сыны
I	сынъмъ	сынъми	сынъма
L	сыну	сынъхъ	сынову
V	сыну!	сынове!	сыны!

Tabela 4. Alguns substantivos da terceira declinação.

A quarta declinação (VINOKUR, 2012, pp. 75-76; RUSSINOV, 1977, pp. 95-96) reunia os

substantivos masculinos e femininos com terminação branda em “Ъ”:

Caso	Singular		Plural		Dual	
	N	гость	кость	гостие (гостье)	кости	гости
G	гости	кости	гостии	костии	гостию (гостью)	костию (костьюю)
D	гости	кости	гостъмъ	костъмъ	гостъма	костъма
A	гость	кость	гости	кости	гости	кости
I	гостъмъ	костию (костьюю)	гостъми	костъми	гостъма	костъма
L	гости	кости	гостъхъ	костъхъ	гостию (гостью)	костию (костьюю)
V	гости!	кости!	гостие! (гостье!)	кости!	гости!	кости!

Tabela 5. Alguns substantivos da quarta declinação.

A quinta declinação (VINOKUR, 2012, pp. 76-77; RUSSINOV, 1977, pp. 96-97) englobava diversos substantivos de terminação vocálica

diversa das citadas acima. É um tipo de declinação marcado pelo aparecimento de infixos (-ен-, -ер- etc.):

	Masculino	Feminino	Neutro
Caso	Singular		
N	камы	мати	теля

G	камене	матере	теляте
D	камени	матери	теляти
A	камень	матерь	теля
I	каменьмъ	материю (матерью)	телятьмъ
L	камене (камени)	матере	теляте
V	камени!	мати!	теля!
Caso	Plural		
N/V	камене	матере	телята
G	камень	матерь	телятъ
D	каменьмъ	матерьмъ	телятьмъ
A	камени	матери	телята
I	каменьми	матерьми	теляты
L	каменьхъ	матерьхъ	телятьхъ
Caso	Dual		
N/A/V	камени	матери	теляти
G/L	камену	матеру	теляту
D/I	каменьма	матерьма	телятьма

Tabela 6. Alguns substantivos da quinta declinação.

Na classificação de Russinov (1977, p. 97), há ainda um sexto grupo de declinação, exemplificado pela palavra “буки” (*letra*):

Caso	Singular	Plural	Dual
N	буки	букъве	букъви
G	букъве	букъвъ	букъву
D	букъви	букъвамъ	букъвама
A	букъвъ	букъви	букъви
I	букъвию	букъвами	букъвама
L	букъве	букъвахъ	букъву
V	буки!	букъве!	букъви!

Tabela 7. Alguns substantivos da sexta declinação.

Antes de concluir esta seção, é importante pontuar que o EOA, em comparação às línguas que dele descendem, empregava preposições com frequência consideravelmente menor, tendo, assim, um caráter ainda mais sintético. Não à toa, o caso locativo, por exemplo, não é chamado *prepositivo*, como hoje em dia; afinal, era comum expressar o local da ação apenas pela flexão do substantivo, sem que a preposição aparecesse necessariamente.

## Pronomes

No EOA, existem duas categorias de pronome: os pessoais e os não pessoais (VINOKUR, 2012, p. 82; RUSSINOV, 1977, p. 106). Começaremos pelos pessoais. Como já dissemos acima, não havia pronome pessoal de terceira pessoa, como é comum nas línguas do grupo indo-europeu. Eles surgiram tardiamente, calcadas no demonstrativo “ОНЪ” (*aquele*). Por outro lado, havia, entre os pronomes pessoais, um de valor reflexivo, que podia substituir qualquer dos demais.

Caso	Singular		Plural		Dual		Reflexivo
	1ª pessoa	2ª pessoa	1ª pessoa	2ª pessoa	1ª pessoa	2ª pessoa	
N	язь	ты	мы	вы	вѣ	ва	—
G	мене	тебе	насъ	васъ	наю	ваю	себе
D	мънѣ, ми	тобѣ, ти	намъ, мы	вамъ, вы	нама	вама	собѣ, си
A	мене мя	тебе, тя	насъ, ны	васъ, вы	на	ва	себе, ся
I	мъною	тобою	нами	вами	нама	вама	собою
L	мънѣ	тобѣ	насъ	васъ	наю	ваю	собѣ

Tabela 8. Declinação dos pronomes pessoais.

Os pronomes demonstrativos são, portanto, de enorme importância, uma vez que, desde muito cedo, cobrem a lacuna dos pronomes pessoais de terceira pessoa. Na tabela abaixo (9), vemos que havia uma variante dura e uma branda. A partir da variante branda também será

formada a declinação de várias outras categorias gramaticais: pronomes possessivos — “МОИ”, “ТВОИ” e assim por diante —, adjetivos, participios etc.

Variante dura									
Caso	Singular			Plural			Dual		
	M	F	N	M	F	N	M	F	N
N	тъ	та	то	ти	ты	та	та	тѣ	тѣ
G	того	тоѣ	того	тѣхъ	тѣхъ	тѣхъ	тою	тою	тою
D	тому	тои	тому	тѣмъ	тѣмъ	тѣмъ	тѣма	тѣма	тѣма

A	тъ	ту	то	ты	ты	та	та	тѣ	тѣ
I	тѣмь	тою	тѣмь	тѣми	тѣми	тѣми	тѣма	тѣма	тѣма
L	томь	тои	томь	тѣхъ	тѣхъ	тѣхъ	тою	тою	тою
Variante branda									
Caso	Singular			Plural			Dual		
	M	F	N	M	F	N	M	F	N
N	и	я	е	и	ѣ	я	я	и	и
G	его	еѣ	его	ихъ	ихъ	ихъ	ею	ею	ею
D	ему	еи	ему	имъ	имъ	имъ	има	има	има
A	и	ю	е	ѣ	ѣ	я	я	и	и
I	имъ	ею	имъ	ими	ими	ими	има	има	има
L	емь	еи	емь	ихъ	ихъ	ихъ	ею	ею	ею

Tabela 9. Declinação dos pronomes demonstrativos em sua variante dura e branda.

## Adjetivos

Os adjetivos no EOA eram divididos, quanto a sua forma, em dois grupos: de um lado, os curtos, e, do outro, os plenos ou longos. Ao contrário das línguas eslavas orientais modernas, aqui as versões curtas não eram usadas apenas como predicativo; possuíam também função atributiva: “сладкъ медъ” (*doce mel*), por exemplo (VINOKUR, 2012, p. 88). Ao final do período histórico, os adjetivos plenos já haviam

concentrado todas as funções atributivas, e os curtos sobreviveram apenas como predicativo.

Quanto à forma dos adjetivos plenos, especificamente, podemos dizer que eram compostos pela forma curta seguida do pronome demonstrativo em sua versão branda. Inicialmente, embora unidos, a flexão de ambas as partes eram respeitadas. Aos poucos, foi surgindo uma fusão entre as duas partes, e a flexão do pronome se impôs (VINOKUR, 2012, p. 90), como é possível ver pela tabela abaixo (10).

Formas curtas						
Caso	Singular					
	Masculino		Feminino		Neutro	
	Duro	Brando	Duro	Brando	Duro	Brando
N	новъ	синь	нова	синя	ново	сине
G	нова	синя	новы	синѣ	нова	синя

D	нову	синю	новѣ	сини	нову	синю
A	новѣ	синѣ	нову	синю	ново	сине
I	новомѣ	синемѣ	новою	синею	новомѣ	синемѣ
L	новѣ	сини	новѣ	сини	новѣ	сини
Caso	Plural					
N	нови	сини	новы	синѣ	нова	синя
G	новѣ	синѣ	новѣ	синѣ	новѣ	синѣ
D	новомѣ	синемѣ	новамѣ	синямѣ	новомѣ	синемѣ
A	новы	синѣ	новы	синѣ	новы	синѣ
I	новы	сини	новами	синями	новы	сини
L	новѣхъ	синихъ	новахъ	синяхъ	новѣхъ	синихъ
Caso	Dual					
N/A	нова	синя	новѣ	сини	новѣ	сини
G/L	нову	синю	нову	синю	нову	синю
D/I	новома	синема	новома	синяма	новома	синема
Formas longas						
Caso	Singular					
	Masculino		Feminino		Neutro	
	Duro	Brando	Duro	Brando	Duro	Brando
N	новыи	синии	новая	синяя	новое	сине
G	нового	синего	новоѣ	синеѣ	нового	синего
D	новому	синему	новои	синеи	новому	синему
A	новыи	синии	новую	синюю	новое	сине
I	новымѣ	синимѣ	новою	синею	новымѣ	синимѣ
L	новомѣ	синемѣ	новои	синеи	новомѣ	синемѣ
Caso	Plural					
N	новии	синии	новыѣ	синѣѣ	новая	синяя
G	новыхъ	синихъ	новыхъ	синихъ	новыхъ	синихъ
D	новымѣ	синимѣ	новымѣ	синимѣ	новымѣ	синимѣ
A	новыѣ	синѣѣ	новыѣ	синѣѣ	новая	синяя
I	новыми	синими	новыми	синими	новыми	синими

L	НОВЫХЪ	СИНИХЪ	НОВЫХЪ	СИНИХЪ	НОВЫХЪ	СИНИХЪ
Caso	Dual					
N/A	новая	синяя	новѣи	синии	новѣи	синии
G/L	новую	синюю	новую	синюю	новую	синюю
D/I	новыма	синима	новыма	синима	новыма	синима

Tabela 10. Formas curtas e plenas dos adjetivos.

Os adjetivos podiam ainda ser classificados em grau: afirmativo, comparativo e superlativo (RUSSINOV, 1977, p. 111). Os comparativos eram formados com auxílio dos infixos -ѣиш- e -аиш- (VINOKUR, 2012, p. 91), enquanto os superlativos eram formados através dos prefixos наи- ou прѣ-, ou ainda por meio de vocábulos auxiliares, como a palavra “вельми” (RUSSINOV, 1977, p. 117).

### Flexão verbal

Se um falante de qualquer língua eslava oriental moderna se aventurar a ler um texto escrito em EOA, o maior obstáculo para a compreensão será o sistema de flexão verbal. Se, em linhas gerais, podemos ver uma série de semelhanças entre a língua morta e os idiomas falados atualmente, quando o assunto é conjugação o mesmo não acontece. Embora os modos sejam iguais – um indicativo, um

condicional e um imperativo –, os tempos verbais são nitidamente distintos: um tempo presente (que também faz as vezes de futuro simples), quatro pretéritos (dois simples e dois compostos) e dois futuros (ambos compostos). Além disso, o verbo apresentava terminações para o número *dual*, além dos números singular e plural.

Falaremos um pouco das formas conjugadas, mas antes disso é importante frisar que havia formas não conjugadas, como o infinitivo – quase sempre terminado em -ти, o supino – semelhante ao infinitivo, mas usado apenas com verbos de movimento e terminado em -тъ – e alguns tipos de participípio.

O tempo presente do EOA era formado a partir da adesão de desinências número-pessoais ao radical. Havia duas conjugações: a primeira com tema em -е-, e a segunda com tema em -и-. Na tabela abaixo (11), temos exemplos de verbos no presente.<sup>20</sup>

Infinitivo	быти	дати	ѣсти	идти	нести	любити
Pessoa	Singular					
1 <sup>a</sup>	есмь	дамь	ѣмь	иду	несу	люблю
2 <sup>a</sup>	еси	даси	ѣси	идеши	несеши	любиши
3 <sup>a</sup>	есть	дасть	ѣсть	идети	несеть	любить
Pessoa	Plural					
1 <sup>a</sup>	есмы	дамь	ѣмь	идемь	несемь	любимь
2 <sup>a</sup>	есте	дасте	ѣсте	идете	несете	любите

<sup>20</sup> Ser, dar, comer, ir, trazer, amar.

3 <sup>a</sup>	сутъ	дадяѣ	ѣдяѣ	идуть	несуть	любяѣ
Pessoa	Dual					
1 <sup>a</sup>	есвѣ	давѣ	ѣвѣ	идевѣ	несевѣ	любивѣ
2 <sup>a</sup>	еста	даста	ѣста	идема	несета	любига
3 <sup>a</sup>	еста	даста	ѣста	идема	несета	любига

Tabela 11. Verbos no tempo presente.

Como dissemos acima, o passado era expresso de quatro maneiras diferentes. A primeira delas era o *aoristo*, inicialmente muito semelhante ao nosso pretérito perfeito. Ao longo do desenvolvimento histórico do EOA, ele vai se

tornar uma espécie de passado simples, caindo porém em desuso a partir do século XV (VINOKUR, 2012, p. 95). A tabela abaixo (12) traz alguns exemplos de verbos no aoristo (*ser, ver, trazer*)

Infinitivo	Pessoa	Singular	Plural	Dual
быти	1 <sup>a</sup>	быхъ / бѣхъ	быхомъ / бѣхомъ	быховѣ / бѣховѣ
	2 <sup>a</sup>	бы / бѣ	бысте / бѣсте	быста / бѣста
	3 <sup>a</sup>	бы / бѣ	быша / бѣша	быста / бѣста
видѣти	1 <sup>a</sup>	видѣхъ	видѣхомъ	видѣховѣ
	2 <sup>a</sup>	видѣ	видѣсте	видѣста
	3 <sup>a</sup>	видѣ	видѣша	видѣста
нести	1 <sup>a</sup>	несохъ	несохомъ	несоховѣ
	2 <sup>a</sup>	несе	несосте	несоста
	3 <sup>a</sup>	несе	несоша	несоста

Tabela 12. Alguns verbos no aoristo.

A forma “alternativa” do verbo “ser” no aoristo – бѣхъ, бѣ etc. – também podia aparecer com uma função imperfeita (VINOKUR, 2012, p. 96).

O *imperfeito*, por sua vez, executava a função de passado simples, ou de passado prolongado (VINOKUR, 2012, p. 96), algo semelhante ao nosso pretérito imperfeito. Em termos morfológicos, é caracterizado pela presença do infixo -a-/-ja-.

Infinitivo	Pessoa	Singular	Plural	Dual
быти	1 <sup>a</sup>	бяхъ	бяхомъ	бяховѣ
	2 <sup>a</sup>	бяше	бяшете	бяшета
	3 <sup>a</sup>	бяше (бяшетъ)	бяху (бяхуть)	бяшета

нести	1 <sup>a</sup>	несяхъ	несяхомъ	несяховѣ
	2 <sup>a</sup>	несяше	неся-ста (-шете)	неся-ста (-шета)
	3 <sup>a</sup>	неся-ше (-шетъ)	неся-ху (хуть)	неся-ста (-шета)

Tabela 12. Alguns verbos no imperfeito.

Já o *perfeito* era uma forma verbal composta, formada pela locução do verbo auxiliar “ser” no presente com o particípio passado passivo do verbo em questão, particípio esse formado pelo sufixo -ль (com as devidas marcas de gênero e número). Empregava-se o perfeito para indicar uma

ação iniciada no passado, mas cujos efeitos perduravam até o presente (VINOKUR, 2012, p. 98). Aos poucos, o perfeito foi se expandindo, até cumprir a função dos demais tipos de pretérito, o que, com a queda do verbo auxiliar, formou o passado das línguas modernas. Abaixo, na tabela 13, um exemplo de verbo no perfeito.

Pessoa	Singular	Plural	Dual
1 <sup>a</sup>	есмь несль, а, о	есмы несли, ы, а	есвѣ несла, ъ, ъ
2 <sup>a</sup>	еси несль, а, о	есте несли, ы, а	еста несла, ъ, ъ
3 <sup>a</sup>	есть несль, а, о	суть несли, ы, а	еста несла, ъ, ъ

Tabela 13. Verbo “нести” no perfeito.

Finalmente, temos o *mais-que-perfeito*, de uso equivalente a esse tempo verbal no português. Ao contrário de nossa língua, não havia uma forma sintética, apenas a forma

composta (como “havia feito”). Formava-se de modo semelhante ao perfeito, porém com o verbo auxiliar “ser” no aoristo ou, mais comumente, no perfeito (RUSSINOV, 1977, p. 127-128).

Pessoa	Singular	Plural	Dual
1 <sup>a</sup>	бяхъ несль, а, о	бяхомъ несли, ы, а	бяховѣ несла, ъ, ъ
2 <sup>a</sup>	бяше несль, а, о	бяшете несли, ы, а	бяшета несла, ъ, ъ
3 <sup>a</sup>	бяше несль, а, о	бяху несли, ы, а	бяшета несла, ъ, ъ

Tabela 14. Verbo “нести” no mais-que-perfeito.

Já o futuro, como dissemos acima, possui apenas formas compostas. O *futuro simples* forma-se a partir da conjugação dos verbos “имати”, “начати”, “хотѣти” ou – tardiamente – “быти”, no tempo presente, somada ao verbo em questão

no infinitivo. Exemplo: “ты имати нести” (“tu trarás”). O *futuro anterior* ou *futuro pretérito* denota uma ação que, no futuro, já terá sido realizada: “terei trazido”. A formação é semelhante à do futuro simples, porém o verbo auxiliar é sempre



a versão futura do verbo “ser”, somada ao particípio passado passivo que já usamos aqui algumas vezes. Ver abaixo a tabela 15.

Pessoa	Singular	Plural	Dual
1 <sup>a</sup>	буду неслъ, а, о	будемъ несли, ы, а	будевѣ несла, ѣ, ѣ
2 <sup>a</sup>	будеши неслъ, а, о	будете несли, ы, а	будета несла, ѣ, ѣ
3 <sup>a</sup>	будеть неслъ, а, о	будуть несли, ы, а	будета несла, ѣ, ѣ

Tabela 15. Verbo “нести” no futuro anterior ou futuro pretérito.

O modo condicional possuía apenas uma forma, ligada intimamente ao passado (VINOKUR, 2012, p. 100). Inicialmente, era formado pelo aoristo do verbo “ser”, somado, novamente, ao particípio passado passivo. Exemplo: “*быхомъ несли*”, “trariamos”. Aos poucos com a expansão do imperfeito como forma predominante do pretérito, o

condicional foi perdendo as formas conjugadas, e o antigo aoristo evoluiu para a partícula *бы*.

Temos, por último, o modo imperativo, que possuía também estrutura mais complexa que o atual imperativo das línguas eslavas orientais, embora fosse defectivo, com duas pessoas e três números, conforme a tabela abaixo (16).

Pessoa	Singular	Plural	Dual
1 <sup>a</sup>	—	несѣмъ	несѣвѣ
2 <sup>a</sup>	неси	несѣте	несѣта
3 <sup>a</sup>	неси	—	—

Tabela 16. Verbo “нести” no imperativo.

O verbo do EOA contava ainda com particípios ativos, com formas no presente e no passado. Todos possuía formas curtas e formas plenas, derivadas das primeiras. O particípio ativo presente era formado por meio do radical do presente, somado aos infixos *-уч-*/*-юч-*, para a primeira conjugação, e *-ач-*/*-яч-*, para a segunda. O particípio ativo passado era formado a partir do radical do infinitivo, somado aos infixos *-ѣш-* ou *-вѣш-*, dependendo da terminação. A ambos, atrelavam-se as terminações adjetivas que já vimos. É nestes particípios que reside a origem dos gerúndios das modernas línguas do grupo eslavo oriental.

## Conclusão

Ainda que o EOA seja um idioma extinto, não se pode negar sua utilidade como chave para a leitura de milhares de textos produzidos na antiga Rus, do século XI ao XVII. Além disso, o estudo dessa língua pode auxiliar a compreender o surgimento da linguagem literária na região que hoje abarca Rússia, Ucrânia e Bielorrússia.

Quanto ao nosso pequeno artigo, um tanto premido por questões espaciais — mas decerto mais seriamente prejudicado pela incúria do autor —, é impossível dizer que tenha esgotado o assunto. Porém, ainda que cheio de simplificações e lacunas, cremos ter dado conta

da tarefa de traçar um panorama do funcionamento desse interessante idioma, e quiçá conseguido estimular a ampliação da pesquisa, em nosso país, de um tema tão específico. Encerramos, portanto, com a esperança de que os defeitos de nosso trabalho sejam corrigidos, num futuro próximo, por mais novos e mais competentes estudiosos.

## Bibliografia

FRANKLIN, Simon. **Writing, Society and Culture in Early Rus, c. 950-1300**. Cambridge: CUP, 2004.

GARDINER, S. C. **Old Church Slavonic: An Elementary Grammar**. Cambridge: CUP, 1984.

LUND, Horace G. **Old Church Slavonic Grammar**. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2001.

MALLORY, J. P.; ADAMS, D. Q. **The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World**. Oxford: OUP, 2006.

RUSSINOV, N. D. *Drevnerússki iazyk*. Moscou: Výsschaia chkola, 1977.

SELICHEV, A. M. **Staroslaviánski iazyk**. Moscou: Lenand, 2014.

SREZNIÉVSKI, I. I. **Materiály dliá slovariá drevne-rússkago iazyká po písmennym pámiatnikam**. 6 tomos. São Petersburgo, 1893.

VINOKUR, T. G. **Drevnerússki iazyk**. Moscou: Librokom, 2012.

*East Slavic populations from the 5th century CE to the 16th century CE. From Old East Slavic come all three modern East Slavic languages: Russian, Ukrainian and Belarusian. By explaining the outlines of Old East Slavic, the author hopes to help readers understand the factors that lead to the formation of 18th and 19th-century Russian literary language. The article also tries to explain what makes Old East Slavic different and independent from Old Church Slavonic, its closest relative. Therefore, this work is a simplified description of Old East Slavic as it was spoken before the Mongol Invasion.*

**Keywords:** *Old East Slavic; history of the Russian language; history of the Ukrainian language; history of the Belarusian language; Ancient Rus.*

**Abstract:** *This work is intended to present to the academic community in Brazil the main aspects of the language called Old East Slavic, widely spoken by the*